

Visitação a São Paulo

1232

RUBEM BRAGA

Reparo que esse aeroporto de Congonhas, movimentado e cordial, já entrou para a minha geografia. Aqui, saltando de avião ou avançando pelo campo, de maleta, já atropelo emoções antigas, já esbarro outros rubens e ouço vozes que me iludem. O balcão de meu cognac, o telefone de minha despedida, o portão numero quatro, a espera às vezes longa, o vento quase sempre frio, tudo isso me comove como se fosse a velha estação da Leopoldina Railway da adolescência.

Assim o homem de coração fácil logo se afeiçoa a locais, ergue palcos para suas emoções e coloca discretas placas de marmore comemorativas embutidas, invisíveis, mais que embutidas, emparedadas, em locais insuspeitáveis, com os versos do poeta: "aqui outrora retumbaram hinos".

Chegar é doce, partir é bom, a estrada corre macia entre campos e casas, revejo eucaliptos e arvores cor de rosa, atravesso o tunel macio de um bosque, irrompo nas avenidas belas. E' uma excitação tranquila, a certeza de rever amigos, de abraçar criaturas quecidas.

E este apartamento de dois pisos de casal de artistas é uma aérea patria minha antigamente. Na madrugada passeio insone sob platanos de Paris; mas no sabado perto do melo dia me perco no turgido canal humano da rua Direita. Preciso comprar alguma coisa entro numa loja que está quase fechando, cheia de homens e mulheres. Faz frio, as mulheres estão com peles e capotes, muitas de capotinhos baratos, nessa bem arrumada pobreza urbanissima de comerciaría friorenta de São Paulo. Deixo-me ficar no meio desse tumulto vivo, lapis que batem no balcão, mãos que acariem fazendas, vozes, tinir de registradoras.

Tenho prazer em andar na rua, depressa, como se a remota Pierina me esperasse na escadaria da Memoria. Onde estará? No precario trecho de espelho de um buteco onde entro para tomar a mesma batida de 16 anos atrás vejo minha cara, já marcada e corrompida, os pelos brancos do bigode. all onde esteve minha cara de rapaz inquieto e magro. A de hoje será mais seguramente triste, porém não mais infeliz como nos tempos em que, silenciosamente, meus nervos estalavam nesta soberba cidade, entre emoções e solidões, como vergas de metal do velho viaduto.

Bares que fecharam, evoco vossos nomes, casas que tombaram, escadarias escuras que não existem mais, ruas que sumiram, onde está Pierina? Penso um instante em procurar sua antiga casa humilde e amarela, talvez avistasse o velho pai de cachimbo aldeão, talvez a mãe de cara pálida e triste, o irmãozinho que deve ser um homem, com certeza um italo-paulista de colete marron — talvez Pierina. Mas percebo que Pierina é um absurdo com sua voz cantante de antigamente e seu corpo firme e elastico; Pierina, a sagrada, apenas sobrevive em alguma dessas que passam, apressadas, com frio — e talvez hoje mesmo tenha chegado, de uma longa viagem pelo interior, uma viagem chela de trabalhos e bebedeiras, outro rapaz magro e lírico

lhe trazendo frutas e flores com emoção.

E' de tarde, num viaduto, com uma luz subitamente rosea que amplia o céu e projeta nele o poderio urbano dessa agitação paulista, que sinto novamente a presença de Pierina. Aquil ficamos lado a lado, numa tarde em que todos andavam assim depressa, e eu me sentia suspenso no ar de vagas nuvens entre os passos da gente e a impaciencia dos carros, eterno ao seu lado, vendo uma estrela que nascia — a estrela lá no alto que era entretanto um segredo.

Ventos frios, cortai essas lembranças juvenis tão pueris, apagai essas fantasmas que são leves manchas cinzas no ar. E tu, homem do passado, caminha através de Conselheiro Crispiniano para no fundo de um bar antigo esperar a Kath de selos pequenos e brancos e duros, e risada de dentes miudos; ou gira pelo centro, sabendo que em São Francisco, São Bento, em Libero Badaró, na Itapetininga, no Arouche ou avenida São João, há nas esquinas lembranças que te tocaiam, bêbado.

Doracy serve mais um "whisky" com sua ternura imparcial, impessoal. Abraço amigos e amigas, bebo talvez demais, falo tolices, depois a doença me humilha e a censura me abate.

Ah, eu vos peço a todos que me perdoeis, porém, vêde, um homem que tem vivido com tanta confusão e tristeza, e tanto espanto e veemencia, vêde que é milagre ainda sobrar nele, em meio a ridiculos sem remedio e a tudo o que tem de má e lamentavel, uma pouca força ainda sufficiente para lhe permitir ser bom. Já quis tanto morrer jogando-me em águas escuras de mar noturno; entretanto sentis, minhas amigas, que na vossa hora triste aquil está o peito firme e puro de antigamente e sempre. Vossa beleza e graça — oh vós cujos nomes eu gostaria de escrever longamente — são minha mais pura devoção, ainda quando o frescor da primavera se vai, e se muita, excessiva tristura já me proibe ter amor, parti com vossos amados pelas ruas de sol, e tudo o que peço, por vós, aos genios misteriosos da Vida, é que eles tenham, além dos arrebatamentos e loucuras, e da colera e da paixão que já vivi, a mesma grave ternura com que vos abençoó.

Es tu, poderosa cidade de S. Paulo, que assim me fazes a mente vária e o animo alquebrado. Deste quarto ouço o sussurro distante de teus ruidos urbanos. Estou só. Mas dentro de mim vibram, como parte de minha vida, as agitações de tua ansia multifária e triste.

12.5.49

HR

M 99 / 13.3.54

140